

## Jorge Forbes

O que será  
que será?

POR FAOZE CHIBLI

Desafio da Psicanálise hoje não é explicar, mas ajudar a suportar o risco de viver sem explicações para tudo, diz especialista lacaniano

**D**ialogo com um laciano: “O real é o mistério?”, pergunta o jornalista. “Mistério já é uma visão ideologizada do não saber. O real é o não saber. Se é um mistério, já é uma forma mais afetiva de contato”, fulmina o laciano. A linguagem é peça fundamental no pensamento e na clínica de Jacques Lacan [1901-1981], psicanalista francês. “Se entendermos que a civilização é um fato de palavra, sempre faltará uma palavra em que eu me espelhe, em que eu me encontre, em que eu me diga”, explica Jorge Forbes, psicanalista, médico psiquiatra, aluno de Lacan e um dos introdutores de seu pensamento no Brasil.

Sobrinho-neto do escritor Graça Aranha, também possui gosto especial pela escrita. Forbes foi pioneiro ao formular a necessidade de se construir um novo software psicanalítico. Se a sua ambição é continuar as investigações dos mestres e alçar à condição de criador? “Veja, a sua pergunta me inibe, porque me faz pensar se eu posso me comparar àqueles que eu acho grandes, como Freud e como Lacan”. Mas é fato que suas idéias têm provocado reflexões dentro e fora do círculo da Psicanálise. E ele afirma sentir uma “obrigação apaixonada” de

tentar essa continuidade. “Se conseguir ou não, não cabe tanto a mim julgar.”

Para Forbes, Freud foi muito melhor do que Bill Gates. “Os softwares de Bill Gates duram uma semana, um mês. E o software de Freud durou um século”. Mas está com os dias contados. “Quando o pai, no sentido amplo do termo, é destronado na sua verticalidade, o software edípico rateia”. Lacan foi adiante. “Teve menos medo da descoberta freudiana que o próprio Freud”. Tem sido assim na história dos gênios criativos. “Como Santos Dumont dizem que se assusta com a criação do avião, como o Manhattan Project se assusta com a bomba atômica”.

Lacan propõe uma estrutura antropológica que é o imaginário simbólico e real. Mas a parte do real é o aspecto do humano incapaz de ser capturado por uma significação em harmonia com a natureza ou com a cultura. Mas Jacques Lacan deixou uma obra em construção. Diante da falência dos modelos antigos, surge um novo homem, “desbussolado”. “Que resposta nós vamos dar a este homem? Vamos voltar aos velhos remédios? Nós vamos controlá-lo?” Apesar de muitos

**Faoze Chibli**

é jornalista e escreve sobre educação e humanismo para esta publicação e para a revista Filosofia Ciência & Vida.



IMAGEM

quererem exatamente isso, para Jorge Forbes a resposta é “não”.

O desafio seria, em vez disso, viver com o risco, com a não resposta. É um privilégio e um desafio “assistir a mudança do laço social e saber a enorme tarefa que nós temos que enfrentar para inventar uma forma de viver nesse novo mundo”. Essas questões foram temas do fórum *A Psicanálise Versus a Sociedade de Controle*, realizado em São Paulo no mês de junho. “Esse fórum foi muito interessante e houve uma solicitação da professora Maya-

na Zats, diretora do Genoma, pró-reitora de pesquisa da USP, que estava presente ao fórum”. Ela pediu a Forbes para que, de forma semelhante, promovesse, em coordenação conjunta com ela, um novo fórum.

Previsto para setembro ou outubro desse ano, discutirá a “genética”, ou seja, questões éticas dos avanços da genética. “Eu diria que isso é uma parte do grande tema da Psicanálise *versus* a sociedade de controle, porque os avanços da genética estão sendo recuperados na sociedade de controle da pior maneira”. Seria o avanço da genética para um controle ainda maior sobre o homem. Nas próximas páginas, **Psique Ciência & Vida** e Jorge Forbes mergulham em um universo social e existencial. E enfrentam o desconforto de trazer um debate sem por quê.

**Psique** - *Você comenta, em A Invenção do Futuro, o crescimento da oferta de auto-ajuda com ideias impositórias. Por que se necessita tanto disso atualmente?*

**Forbes** - As pessoas têm pânico da liberdade que a globalização lhes deu. A globalização multiplicando os ideais. Não é que não tenha ideal hoje em dia. Você tem uma multiplicidade difícil de criar grandes grupos. Quando você tem poucos [ideais], você cria grandes grupos. Quando você tem um monte, você cria turmas, bandos, sites, comunidades, tribos. Você não cria mais um Maracanã. Você não tem mais “ideal Maracanã”. Nem mesmo pelo Brasil. Você vê que o Brasil perdeu a copa e... [faz ruído de indiferença].

**Psique** - *Que desafio se impõe nesse contexto de transformações?*

**Forbes** - Nós temos que constatar que o Édipo é uma estrutura em falência. É um software que ainda funciona porque, evidentemente, a sociedade não muda do dia pra noite. Ela está em mudança, então ainda é um instrumento de leitura, ainda serve pra, vamos dizer, mexer certos programas. Mas já não funciona pra mexer outros programas. E nós precisamos de

um novo *software*. Como será esse novo elemento que vai poder responder a uma manciara da pessoa viver nessa organização? Eu estou trabalhando nesse *software*.

**Psique** - Freud "puxou um fio" dentro da sociedade em que se encontrava, sem se ater ao detalhe de que ela era criada por aquele momento.

**Forbes** - Ele sabia que isso ia mudar.

**Psique** - Sabia, mas não foi o foco de investigação dele.

**Forbes** - Não, porque ele não foi confrontado a nenhuma mudança.

"O mais importante da clínica psicanalítica hoje é fazer com que as pessoas possam suportar a decisão sobre o seu desejo, sem esperar que o saber lhes garanta qual é o bom caminho"



**Psique** - Lacan vai adiante nesse sentido?

**Forbes** - E não consegue completar a obra. Eu vejo Lacan um pouco como Gaudí, que deixa a *Sagrada Família*, sua obra mais conhecida em Barcelona, incompleta. Você tem dois momentos importantes em Lacan. Um primeiro momento, de 1950 a 1970, mais ou menos, os 20 primeiros anos do seu ensino. Lembrando que Lacan teve 30 anos de ensino. Quando ele começa o que se chama o seu ensino, quando se apropria de uma leitura especial de Freud, contra uma leitura adaptacionista que havia na sua época na sociedade a que ele pertencia, que era a sociedade psicanalítica de Paris, ligada à International Psychoanalytical Association, ele diz: "Bom, eu preciso mostrar a cientificidade na descoberta freudiana". E ele se vale de instrumentos para fazê-lo, que não existiam na época de Freud. Ele se vale da Lingüística, da Lógica, pra mostrar como nós tínhamos que voltar à idéia de que o inconsciente era estruturado

por uma linguagem e não como uma caixinha de fantasias primitivas que deveriam ser adequadas ou amadurecidas. Lacan tem um ideal iluminista e o deixa claro. O ideal de colocar o saber como ápice e como regulador da espécie humana começa a "fazer água" em Lacan nos anos 70. Naquela época, ter 70 anos era ser velho. Hoje em dia nem tanto. Mas ele já se via cansado. Ele sabia que tinha pouquíssimo tempo para dar uma reviravolta em tudo o que ele tinha feito. E ele começa uma reviravolta imensa na sua obra, quase como se estivesse contradizendo o que ele tinha feito até então. É a época chamada do real. Nesse momento, ele tenta fazer uma nova clínica. Nós temos duas clínicas em Lacan. Uma primeira, que é do significante. O que é, pro leitor entender claramente: é aquela clínica que eu vou fazer uma análise para me conhecer melhor. É essa clínica que ainda 99% das pessoas pensam que a Psicanálise é. Uma prática pra você se conhecer melhor. E, em decorrência, agir melhor. Pensa-se nessa primeira clínica e pensa-se em 99%, por exemplo, das faculdades de Psicologia do Brasil, e quiçá do mundo, que se eu me conhecer melhor, eu vou pensar melhor e vou agir melhor. Ainda estamos no Iluminismo nessa idéia.

**Psique** - Nesse sentido, o Iluminismo não deixa de ser uma *fê*, não é?

**Forbes** - Eu não sei se Diderot ficaria muito contente [risos]...

**Psique** - Olhando para a postura dos iluministas, ou se acredita que o conhecimento é o ápice, ou se está fora do movimento. Parece-me que aí chegamos à sua parte dessa história. De onde está pegando o barco com a pretensão de ir adiante. Está correto?

**Forbes** - Está correto, porque eu vi na minha clínica de consultório, poderia até datar por volta dos anos 1993, 1994, que a coisa não estava mais funcionando como funcionava até então. Que fazer Psicanálise pra se conhe-

cer melhor não resolvia como resolvia quando eu comecei a minha carreira, nos anos 70. E foi nesse momento que eu escrevi um livro, chamado *Da palavra ao gesto*. Nesse livro, publicado em torno de 1996, pra mim já era claro que nós teríamos que abandonar o projeto iluminista que Lacan recupera pra fazer a sua primeira clínica. E deveríamos começar a fazer uma clínica analítica. Depois eu posso expandir isso para vários aspectos da vida social, porque tudo isso que eu estou falando não implica só a mudança de clínica. Implica mudança na família, na educação, na empresa, no governo. Nada vai ficar fora.

**Psique** - Assim como a estrutura edipiana é uma estrutura de mundo.

**Forbes** - Exatamente. O meu consultório é um pouco meu laboratório de Fórmula 1. É onde eu pesquiso e testo o que consigo desenvolver em várias outras 'estradas', menos turbulentas que o divã. Porque, pra mim, sem dúvida nenhuma, a estrada mais turbulenta é o divã. Qualquer outra, a da família, a da empresa, a do País, é asfaltada, bonitinha, etc. A turbulenta mesmo, onde você exige ao máximo da pessoa humana, pra quem já fez uma análise entende o que eu estou falando, é o divã. Aí realmente, posso testar melhor as peças desse conjunto. A análise, que nós sempre pensamos como sendo uma estrutura para se conhecer melhor, eu diria que passa a ser uma clínica para você agir no limite do seu conhecimento. Onde você não se conhece. Ou seja, como você pode ter uma ação sem o conhecer. Agir sem conhecer chama-se arriscar. Chama-se apostar. E apostar não é a mesma coisa que agir garantido por um conhecimento. Apostar angustia, apostar dá medo, apostar põe a pessoa em jogo. E eu diria que o mais importante da clínica psicanalítica hoje em dia é poder fazer com que as pessoas possam suportar a decisão sobre o seu desejo, sem esperar que o saber lhes garanta qual é o bom caminho.

**Psique** - E isso o torna um "forbiano", em vez de um lacaniano. Concorda?

**Forbes** - Eu acho... Se você quiser dizer isso...

**Psique** - Você rejeitaria?

**Forbes** - [Longa pausa] Eu não tomaria no sentido habitual que se toma um elogio, aceitar ou rejeitar. Eu tomo muito mais como interpretação. Então, quando você me fala isso, você me interpreta, 'então você é tal coisa'. Eu aceito isso como uma interpretação. E ela não é pra mim, como qualquer interpretação, nem grande nem pequena, nem elogio nem xingamento. Ela é um questionamento que me faz pensar: "Será?". A única coisa que eu tenho certeza é que, é claro que eu me valho da minha formação freudiana, e sei que sou um continuador de Jacques Lacan. Agora, o quanto avancei, como você me diz, eu prefiro... como qualquer interpretação, me dá um tempo [risos].



**Psique** - Mas, até como psicanalista, certamente você faz um exercício de pensar quem é Jorge Forbes. E você está propondo uma abordagem original.

**Forbes** - Eu estou propondo. Acho que realmente eu estou propondo claramente que a gente mude a psicanálise, que a gente faça uma clínica diferente. Eu vejo efeitos na minha clínica, mas isso seria muito pouco. Outros me dizem ver efeitos na clínica deles. Eu faço uma apresentação, uma vez por mês, no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, aberta. Tem muita gente boa, especialistas ali reunidos, que me dão um *feedback* no sentido do que se passa quando aplicamos os resultados dos elementos que eu venho pesquisando. Também tenho uma prática de consultoria a hospitais, a empresas, a televisões, a governos. E existe um *feedback* positivo. É claro que isso me serve como bússola de me dizer, 'ok, eu vou continuar por aí'.

**Psique** - Você sempre traz a arte como ilustração, não é?

**Forbes** - Fui baterista antes de fazer medicina e parei para fazer o vestibular. Parei de tocar, mas não parei com minha paixão pela música, especialmente a MPB. E as pessoas que lêem o que escrevo ou que escutam o que eu falo vêem o quanto é importante em mim, o quanto é impregnado essa minha formação. Da mesma forma como eu posso extrair referências de clássicos da literatura mundial. Pra mim é muito importante a literatura, a arte, a música.

**Psique** - E é mais do que ilustração, o termo é reducionista.

**Forbes** - Você tem toda razão. Não é uma ilustração, é o próprio fato em si. Lacan daria o nome a isso de 'mostração'. Exatamente pra que as pessoas não fiquem na idéia de que ilustra, porque 'ilustra' mantém uma distância.

**Psique** - Destaquei de sua coluna, em um texto sobre o fórum A Psicanálise a Sociedade de Controle, dois termos: "a necessidade de supor-

tar o mal-entendido" e a idéia de formar um pacto de "includidos na mesma dúvida". É este o cerne de sua proposta para a Psicanálise?

**Forbes** - É pelo seguinte: nós fomos acostumados a uma sociedade do por quê. Nós somos acostumados a um raciocínio causalista. Tudo o que eu faço tem uma causa e toda causa pode ser conhecida ou cognoscível. Nós não suportamos a existência de algo que não responda a uma causa e ao meu conhecimento. Defendo a idéia de que o Iluminismo está afundando, e o Iluminismo está afundando pela mudança de era. A globalização não será iluminista, não dá pra ser. E a globalização pra mim é um fato, não é um sonho, é algo que está aí.

**Psique** - A globalização remete mais à Idade Média, no sentido de não ser iluminista?

**Forbes** - Nesse sentido, sim. Agora, eu espero que a gente não dê respostas que foram dadas na Idade Média. Mas corremos o risco [riso]. Fomos acostumados a uma sociedade de por que, uma sociedade de causa. Ora, nós teremos que, progressivamente, saber que há inúmeras coisas na vida que são muito importantes e que não têm por quê. Não é que não existissem. É que a gente nem se dava conta de que existiam. O que já existia nos auxilia a diminuir nosso susto frente a esse fato. Por exemplo, nesse momento discute-se por que uma determinada menina em São Paulo matou o pai e a mãe. E, avidamente, tem de se encontrar um porquê. Eu posso encontrar várias explicações, mas nenhuma justificativa. Temos que começar a diferenciar explicação de justificativa. Eu explico, mas isso não quer dizer que justifique. Não quer dizer que a minha explicação se junte a algum padrão, a algum axioma, que é tido como algo suportável pela sociedade. Eu posso dar 35 explicações, só que nenhuma delas justifica o fato dessa menina ter matado o pai e a mãe. Temos várias coisas na vida que não têm por quê. Pra começar, o amor. A mais elementar e, talvez, a mais importan-

te das coisas. Se um casal de amantes resolver explicar mutuamente porque se amam, eles vão brigar, no máximo, em 10 minutos. Não há nenhuma possibilidade de eles explicarem por que eles se amam. E nós fazemos muita coisa na vida que não tem explicação.

**Psique** - *E o termo incognoscível, se aplica mais?*

**Forbes** - O incognoscível é um osso duro de roer...

**Psique** - *É mais que inexplicável? Porque, além de não ler nos livros, não sabemos nem de onde vem a fonte cognoscível daquilo.*

**Forbes** - Não, não tem. Então nós temos que inventar uma solução. É nossa grande chance. Se nós inventarmos uma solução, eu acho bem melhor. É mais criativo, é mais responsável. Ou então nós buscamos a invenção do outro e nos alienamos. Daí a febre dos livros de auto-ajuda ou das neo-religiões. Que são soluções inventadas pra vagabundos frente ao seu desejo [riso].

**Psique** - *E não é preconceito...*

**Forbes** - Eu acho ruim mesmo. Eu não tenho preconceito nenhum. Eu só acho péssimo [riso].

**Psique** - *Quero lançar uma polêmica: seu livro Você quer o que deseja? é um título que...*

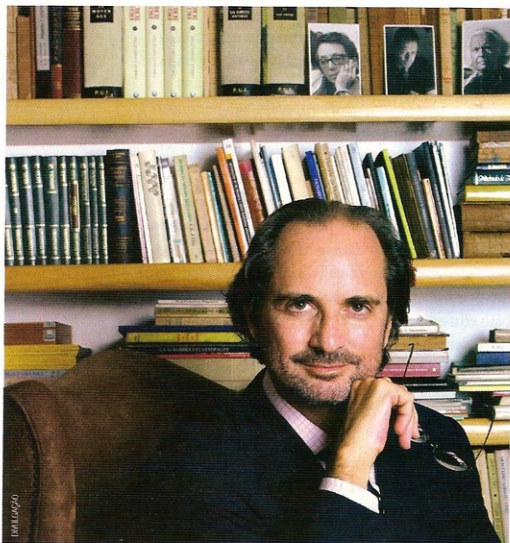
**Forbes** - De auto-ajuda [risos]?

**Psique** - *É um livro complexo, mas quem está em busca de auto-ajuda pode 'cair' nessa 'rede'. É essa mesmo a 'brincadeira', de tentar ampliar seu público?*

**Forbes** - Eu quero ampliar o público. Esse livro é um *best seller*, está, eu acho, em sua quinta edição. Não só a editora é a Best Seller, mas ele em si mesmo é um *best seller*. Um livro de Psicanálise, acho que já vendeu mais de 20 mil exemplares. Quando no Brasil, que o leitor saiba, um livro dessa área vende mil... normalmente três mil é sucesso. Então, 20 ou 30 mil nem sei o que é. O título, eu quis que fosse uma interpretação a todas as pessoas. Eu sabia ao dar esse título que pessoas em busca de auto-ajuda seriam tentadas por isso. Porque não veriam a complexidade que você muito bem

Se um casal de amantes resolver explicar porque se amam, vão brigar





nota, porque é muito complexo. Mas num primeiro momento, num *flash* de olhos, por exemplo, numa banca de livreria, ele vê: "Você quer..." e fala 'ah, aqui a pessoa vai me explicar'...

**Psique** - *Comentava há pouco sobre a ideia de suportar o mal-entendido e estarmos incluídos na mesma dúvida. Voltemos a esta questão...*

**Forbes** - Quando eu dizia que a gente não tem mais que criar uma sociedade dos porquês, nós temos que saber que temos um novo tipo de contato social. Desenvolvi isso nos meus trabalhos sobre música eletrônica. Lá eu descrevo com monólogos articulados, onde as pessoas não se compreendem e, no entanto, elas estão juntas. O fato de eu não entender alguém não impede que eu goste desse alguém, que eu esteja junto desse alguém. E na medida em que isso ocorre, se eu puder suportar a insegurança que dá o mal-entendido, eu vou aumentar em muito as minhas possibilidades de contato, de transformações e de criações.

**Psique** - *Para muitos da geração de 1968, por exemplo, aquele parece ser ainda hoje um único momento de lucidez. Não é todo mundo que compartilha de sua visão sobre o presente.*

**Forbes** - Não, a maior parte das pessoas acha que esse momento não é incrível, só vê os lados negativos desse momento e só vê os lados negativos dessa adolescência. Não é a minha visão. Nem do ponto de vista social, nem do ponto de vista especificamente, nem dos adolescentes, mas dos jovens. Inclusive, crise de adolescência é algo que não sei mais quanto tempo vai ter. Tende a diminuir muito.

**Psique** - *Os adolescentes estão amadurecendo ou a adolescência está se perpetuando pela idade adulta?*

**Forbes** - Crise de adolescência era a junção de três coisas: a perspectiva de mundo que você tinha até então, mais a eclosão energética do seu corpo, que se dá mais ou menos nessa fase, e o confronto com uma sociedade estável que não tinha nada a ver com a sociedade que você tinha na sua cabeça. Esses três fatores faziam uma química que explodia, chamada crise de adolescência. Hoje em dia, eu não estou tão convencido disso. Porque o futuro não é algo que eu preveja, mas é algo que eu invento. Como esse jovem está inventando futuro, dificilmente vai ter uma crise como tivemos nós. Ele vai ter uma necessidade pelo aumento da libido, pra usar um termo clássico freudiano, ele vai ter mais fogo, mais energia, sem dúvida. Mas essa energia não necessariamente será transformada em crise, porque não terá um adversário. Quem vai estar em crise de adolescência hoje em dia são os jovens de 50 anos de idade. Esses, sim, estão em crise.

**Psique** - *Em um debate sobre autonomia, você comentou que, em vez de uma ação tomada por medo, prefere a ideia de responsabilidade trazida por Nietzsche.*

**Forbes** - Prefiro.

**Psique** - *E Nietzsche lida com as ideias de mistério e incognoscível. Inclusive, há quem afirme, relacionadas*

a filosofias orientais e conhecimentos como o xamanismo. O quanto você se identifica com essas idéias?

**Forbes** - Do Nietzsche? Quisera eu... [riso - longa pausa] Veja, eu não sou uma pessoa que tenha... como é que é o nome disso, não é uma metafísica... uma... Quando você fala em Nietzsche, eu digo 'sim'. Quando você fala em xamanismo, eu digo 'não sei'. Da mesma maneira que quando você falou 'mistério', eu digo 'também não sei'. Porque o xamanismo já propõe uma corporificação, um tipo de resultado. Por exemplo, chamando entidades, ou buscando um outro mundo. E eu não busco um outro mundo, eu busco a invenção de um mundo. Talvez, tal como um xamã, ou tal como as filosofias orientais, eu penso que a segunda clínica de Lacan e as minhas pesquisas em desenvolvimento têm algo em comum, que é não esperar que uma ação seja decorrente de um pensamento. Mas que a ação seja o próprio pensamento. Pronto. Eu acho que isso nós temos em comum. Muito forte. Toda a função, por exemplo, do mestre Tao, é nessa linha. Falo isso com certo cuidado porque eu conheço pouco. Do pouco que eu conheço, me chama atenção todos os exemplos de quando os discípulos perguntam ao mestre. Ele jamais responde como um mestre ocidental, que dá uma aula. O mestre Tao sempre espera uma ação do discípulo. E sempre a resposta vem depois do discípulo ter feito essa ação. Eu diria que nós temos em comum esse fato. Da junção que o pensamento é decorrente da ação. Ou é simultâneo, se você quiser. Mas não anterior. O pensamento não prepara a ação. Agora, eu explico isso à minha maneira. E eu a chamo de Psicanálise. Uma outra pessoa talvez explicasse isso pelo xamanismo. E uma terceira pessoa talvez chamasse isso de taoísmo. *Qui lo sa [riso]*. Não sei.

**Psique** - Pergunto isso porque a questão oriental parece indispensável para esse tipo de junção que você propõe dentro da Psicanálise. Uma ruptura com modelos antigos.

**Forbes** - Ela está muito presente. É ruptura com a hierarquia do raciocínio ocidental iluminista. Sem dúvida.

**Psique** - Assim como talvez, no Oriente, falte um olhar despido de preconceito para com a objetividade psicanalítica.

**Forbes** - Penso que as explicações filosóficas dessas filosofias taoístas acabam tamponando a própria descoberta Tao.

“A febre dos livros de auto-ajuda ou das neo-religiões são soluções inventadas para vagabundos frente ao seu desejo”



**Psique** - Porque precisam de uma figura, como o xamã?

**Forbes** - Exatamente. E aí, a partir desse momento, se transforma em algo absolutamente desinteressante. Não me fascina em nada... Porque me entusiasma muito mais a pergunta do que a resposta. Eu acredito até 'que bom' que fascine pessoas que possam corporificar e achar 'que legal' conhecer o xamã. Mas, sabe, eu conheci Jacques Lacan. E o fato de ter conhecido Jacques Lacan me fez ver que eu não mistifico... uma das coisas que Lacan me ensinou foi exatamente isso. O fato de eu ter conhecido Jacques Lacan jamais vai poder me permitir dizer que eu conheço totalmente Jacques Lacan. Meu encontro com Lacan foi um trauma. Do qual eu não me curo. E nem penso que vá me curar.

**Psique** - E não quer.

**Forbes** - De tudo que posso entender até hoje, eu só sairia perdendo [risos]... Porque eu acho que normalmente a gente se cura daquilo que atrapalha. Esse meu trauma me mexe, me faz trabalhar, me faz pensar. Enfim, se tem alguém que mostrou que Psicanálise não era pra você dormir no divã e, sim, era pra despertar, foi Jacques Lacan.

**Psique** - Assim como Freud traumatizou Lacan e ele também nunca quis se recuperar disso.

**Forbes** - Não, ele nunca quis deixar de ser freudiano. Eu não faço a menor questão de deixar de ser lacaniano. ■